

Zacarias Escarccla
e outros contos
Aleksandr Soljenítsin

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



Vocês pedem-me, meus amigos, que lhes conte alguma coisa dos meus passeios de bicicleta durante o verão? Ora, se isso não os aborrece, oiçam o que lhes conto sobre o Campo de Kulíkovo.

Há muito que o tínhamos em mira, mas, não sei porquê, sempre desviávamos caminho. Aliás, não há lá painéis coloridos nem sinais que atraiam, e nem figura em todos os mapas, apesar de essa batalha do século XIV ter custado ao corpo e à alma da Rússia mais do que a de Borodino no século XIX. Batalhas como essa, houve só uma em quinhentos anos, não apenas para nós, mas para toda a Europa. Não foi uma batalha entre principados, nem entre exércitos nacionais – foi uma batalha de continentes.

É possível que tenhamos escolhido o percurso de maneira incoerente: a partir de Epifania, por Kazanovka e Monastirschina. Apenas porque antes disso não tinha chovido, fizemos o percurso no selim, sem empurrar as bicicletas pelo guiador, e atravessámos o Don, cujas águas ainda não eram profundas, e o Nepriadva com as bicicletas pela mão por uma passadeira feita de duas pranchas.

Muito antes de lá chegarmos, do alto de uma colina, avistámos numa outra vasta elevação aquilo que parecia uma agulha apontada para o céu. Ao descer, perdemo-la

de vista. Voltámos a subir, e de novo se mostrou a agulha cinzenta, agora com mais clareza, e ao lado dela avistámos aquilo que parecia uma igreja, mas estranha, uma construção inaudita, que só nos contos se pode imaginar: as suas cúpulas pareciam diáfanas, transparentes, e, no ar quente daquele dia de agosto, oscilavam e faziam negaças – ora estavam lá, ora já não estavam.

Encontrámos um poço no vale e tivemos a boa ideia de matar a sede e encher os cantis, o que depois nos foi muito útil. O camponês que nos emprestou o balde, à pergunta «onde fica do Campo de Kulikóvo», olhou-nos como se fôssemos anormais.

– Não é Kulikóvo, mas Kulíkovo¹. Ao lado do campo fica a aldeia de Kulíkovka, mas Kulikóvka é além, do outro lado do Don.

Depois do encontro com este camponês seguimos por caminhos desertos e ao longo dos vários quilómetros até ao monumento já não encontrámos vivalma. Calhou-nos simplesmente assim naquele dia – nem vivalma, mas a certa distância da estrada agitava-se uma ceifeira puxada por um trator; e também ali mesmo costumavam vir pessoas e viriam ainda muitas vezes, porque, até onde a vista alcançava, tudo estava semeado, e já as searas estavam maduras: milho mourisco, beterraba, trevo, aveia, centeio e ervilhas (trincámos algumas dessas ervilhas novas). Em todo o caso, não havia ali ninguém naquele dia, e era como se atravessássemos uma reserva sagrada e silenciosa. Podíamos imaginar à vontade esses guerreiros louros, dos

¹ Em russo, Kulikóvo Pólie significa campo das narcejas. Aqui se travou, em 1380, a batalha de Kulíkovo entre as tropas russas de Dmitri Donskoi e as tártaro-mongóis comandadas por Mamai, chefe da Horda de Ouro, que, derrotado e destituído do poder, fugiu para a Crimeia. (*N. do T.*)

quais nove em cada dez caíram aqui mesmo e jazem uma braça abaixo da atual aluvião, fundindo-se com a terra, só para que a Rússia sacudisse o jugo dos infieis.

Toda aquela encosta suave e extensa, até à colina de Mamai, não podia ter mudado completamente o seu contorno, e em seis séculos teria quando muito ficado desarborizada. Pois foi precisamente algures neste local, na extensão que daqui se avista, que na tarde e na noite de 7 de setembro, atravessando o rio Don, se instalou para alimentar os cavalos (embora houvesse mais homens a pé), afiar as espadas, fortalecer o ânimo, rezar e conjeturar, quase um quarto de milhão de russos, mais de duzentos mil. Nesse tempo o nosso povo seria uma sétima parte do que é hoje, e é impossível imaginar essa força – duzentos mil!

E nove em cada dez desses guerreiros esperavam a sua última manhã.

Não foi de bom grado que os nossos então atravessaram o rio – quem é que gostaria de ir para a batalha com um rio na retaguarda? A verdade da história é amarga, mas é melhor contá-la do que calá-la: não foram apenas circassianos e genoveses que Mamai trouxe, e os seus aliados não eram apenas os lituanos, mas também Oleg, o príncipe de Riazan. (E também seria preciso compreender Oleg: de outro modo, não poderia defender o seu território dos tártaros, que o haviam incendiado sete, três e dois anos antes.) E os russos atravessaram o Don, para protegerem com o rio a sua retaguarda dos ataques dos homens de Riazan: para não serem atacados por cristãos ortodoxos...

À nossa frente distinguiam-se a agulha, que não era já uma agulha, antes uma torre airosa, diferente de todas;

mas não conseguimos chegar logo até ela: os caminhos interrompiam-se, iam dar a campos semeados, que contornávamos com as bicicletas pela mão – e finalmente, surgida da terra, de parte nenhuma, começou a desenhar-se uma velha estrada, primeiro abandonada e coberta de ervas, mas mais perto do monumento já plenamente visível e ladeada de valetas.

Interromperam-se os campos semeados, e no alto começou o verdadeiro parque, um pedaço de terreno vazio, quase coberto não de barba-de-bode, mas de ervas duras – e não havia melhor maneira de honrar aquele lugar antigo: respirar o ar selvagem, espriar o olhar pela paisagem – ei-los, defrontando-se ao nascer do sol, erguem-se Telebei e Peresvet, os estandartes uns contra os outros, a cavalaria mongol atira as suas flechas, agita as lanças e, fazendo caretas, avança para espezinhar a infantaria russa, romper o núcleo russo e repelir-nos para o lugar de onde tínhamos vindo, onde uma nuvem leitosa de nevoeiro se ergueu do Niepriadva e do Don.

E nós caímos como o trigo cortado. E morremos de baixo dos cavalos.

Foi aqui, no próprio centro da feroz batalha – se é que alguém conseguiu adivinhar o sítio –, que foi erguido o memorial e aquela igreja com umas cúpulas etéreas que de longe nos tinham surpreendido. Mas a solução do enigma era simples: os habitantes locais tinham arrancado, para as suas necessidades, as chapas metálicas que cobriam as cinco cúpulas, que assim deixavam passar a luz; a sua forma delicada manteve-se intacta, embora mostrassem apenas os ferros; de longe pareciam uma miragem.

Mas também de perto o memorial é surpreendente. Antes de se lhe tocar, não se compreende como o construíram.

Foi no século passado, há mais de cem anos, e a ideia – reunir uma torre de elementos fundidos – é inteiramente atual, só que hoje não a fariam de ferro fundido. Duas plataformas, uma sobre a outra, depois um dodecágono, que se torna progressivamente circular, primeiro revestido, cingido de escudos, espadas e elmos também de ferro fundido, de inscrições eslavas em ferro fundido, que se eleva de seguida como um tubo de quatro andares em telescópio (e os próprios andares como tubos de órgão, estreitamente ligados), depois uma cobertura com uma incisão e por cima uma cruz dourada a esmagar um crescente. E tudo isto em trinta metros, tudo isto constituído por placas esculpidas, tudo tão bem ajustado do interior por cavilhas que não se vê nada, nem uma fresta, como se o monumento tivesse sido fundido numa única peça – à espera de que o tempo, e mais ainda os netos e bisnetos, o esburacasse aqui e ali.

Depois de muito caminharmos por um campo vazio, chegámos a um lugar deserto, não contando encontrar aqui ninguém. Caminhávamos e pensávamos: porque será assim? Não foi aqui que se decidiu o destino da Rússia? Não foi aqui que se deu a viragem da sua história? Terá sido apenas por Smolensk e Kiev que os inimigos desabaram sobre nós...? E ali está a torre, completamente inútil, sem que ninguém queira saber.

Que satisfação a nossa ao ver que estávamos enganados! Primeiro, já perto do memorial, avistámos um velho grisalho e dois rapazinhos. Estavam deitados na relva, com uma mochila ao lado, e escreviam num grande livro, do formato de um caderno escolar. Aproximámo-nos e ficámos a saber que o velho era um professor de literatura e tinha trazido os rapazes dali perto; quanto ao livro

não era nada escolar, era nem mais nem menos que o Livro de Ouro. Mas, se aqui não há museu, quem é que guarda o livro num campo bravo?

E nesse momento, escondendo o sol, caiu sobre nós uma sombra imensa. Virámo-nos. Era o Vigilante do Campo de Kulíkov – o homem a quem cabia guardar a nossa glória.

Ah, não tivemos tempo de preparar a máquina fotográfica! Além disso, contra o sol não daria nada. Nem o Vigilante se deixaria fotografar (conhecia o seu valor e em todo o dia nem uma vez se deixou fotografar). Mas devo começar por descrevê-lo? Ou começo pelo saco? (Trazia nas mãos um saco simples de camponês, meio cheio e pelos vistos não muito pesado, porque o transportava sem se fatigar.)

O Vigilante era um camponês entroncado, com um misto de bandido. Tinha pernas e braços sólidos, a camisa desabotoada, o boné colocado à banda, do qual se escapava uma grenha ruiva, uma barba da semana anterior e toda a face atravessada por um golpe fresco e avermelhado.

– Ah! – saudou-nos ele de um modo desaprovador, debruçado por cima de nós. – Como vieram até aqui?

Parecia perplexo, como se houvesse uma vedação a toda a volta e nós tivéssemos descoberto um buraco, esgueirando-nos por ele. Indicámos-lhe com um gesto da cabeça as bicicletas encostadas a uns arbustos. Embora segurasse o saco com ar de quem vai tomar o comboio, parecia disposto a exigir-nos a identificação. Tinha o rosto magro, afilado e firmeza de sobra.

– Aviso-os! Não estraguem a plantação com as bicicletas.